



Geodinâmicas contemporâneas na diáspora portuguesa

Helder Diogo

1. A dimensão planetária da diáspora lusa

1.1 Da diáspora sofredora à diáspora libertadora

Ao longo dos séculos, o termo diáspora remete para a evolução das correntes migratórias nas sociedades mais antigas até aos movimentos migratórios contemporâneos das nossas sociedades.

O termo diáspora deriva do verbo grego *speirein* (semear) ou mais precisamente do verbo composto *diaspeirein* (disseminar) que indica em si a dispersão de um povo. Significou também, desde a antiguidade, uma dispersão forçada devido à guerra e às revoluções, e o termo, apesar de ser inicialmente utilizado nos textos literários ou sagrados dos povos do mediterrâneo oriental, foi posteriormente retomado na literatura das ciências sociais¹. No espaço francófono, o termo materializa-se nos dicionários apenas em 1980, tornando-se usual, desde então, a sua utilização nas teses em França na segunda metade dessa década. No entanto, os dicionários britânicos já mencionavam a aplicação desse léxico a povos não judaicos a partir de 1961, tendo-se generalizado e difundido durante os anos 1970².

A sensibilidade para estudos sobre as diásporas na Geografia apareceu desde os inícios da Geografia Humana quando a mesma se constituiu como uma disciplina distinta das outras ciências humanas, embora sem utilizar o termo em si mesmo ou sem o dissociar da sua aplicação ao caso judeu. Mais tarde, na década de 1950, Maximilien Sorre³ utiliza o termo quando se refere à migração chinesa para os Estados Unidos ou à dispersão arménia pelo mundo. Com base nas migrações judaicas, Sorre alude à diáspora como um espaço das minorias nacionais em terra estrangeira com um forte ideal coletivo que permite conservar no imigrante a sua autonomia material e espiritual.

A partir dos anos 1980, os geógrafos recorrem amplamente a este termo no espaço francófono, deixando de designar exclusivamente o paradigma judeu. Para Pierre George (1984), embora o termo figurasse no seu *Dicionário da Geografia*, de 1970, como um conjunto da coletividade judaica dispersa no mundo ou toda a coletividade etno-cultural difundida fora do seu meio de origem, a diáspora é definida com base no modelo judaico alimentado por êxodos sucessivos forçados ou voluntários, segregada étnica e culturalmente que, apesar dos contactos estabelecidos com a população circundante, mantém práticas culturais próprias.

1 BRUNEAU, 2004: 10.

2 DUFOIX, 2003: 20.

3 SORRE, 1955: 228.

Nos anos 1990, a aceleração da globalização dos mercados e das comunicações, bem como a extensão geográfica da ideologia dos direitos do Homem, transcendem as fronteiras e levam a uma valorização da mobilidade geográfica e cultural. Com estas evoluções, muitos emigrantes e descendentes movimentam-se em espaços onde as fronteiras dos Estados perdem importância e desenvolvem pertenças sociais duplas ou formam comunidades transnacionais.

Segundo Gabriel Sheffer⁴, o conceito de diáspora inclui três características essenciais: a consciência e o facto de reivindicar uma identidade étnica ou nacional; a existência de uma organização política, religiosa e/ou cultural do grupo que forma a diáspora (riqueza da vida associativa); a existência de contactos sob as diversas formas, reais ou imaginárias, com o território ou país de origem.

Vários estudos demonstram a existência de redes de imigrantes transnacionais e a multiplicação de identidades múltiplas, de identidades transnacionais⁵.

Perante estes processos, os investigadores falam de transnação, de nação deslocalizada, de “desterritorialização”⁶, ou ainda da passagem de imigrantes para transmigrantes⁷, representando os imigrantes como atores simbólicos que transcendem as fronteiras, os estados e as identidades nacionais.

Para o antropólogo Pierre Centlivres⁸, numa situação extrema, a palavra diáspora tornou-se quase sinónimo de comunidade transnacional, de minoria estrangeira ou ainda mais vagamente de migração, mas também alude à inexistência do termo em certos povos em exílio, como o afegão, recorrendo neste caso à palavra “refugiado”.

Outros autores alargam, ainda mais, a definição ao englobar-lhe todo o tipo de espaços migratórios e para fazer dele um fenómeno geográfico com tendência a generalizar-se. Roger Brunet⁹, no dicionário crítico *Les Mots de la Géographie*, afirma que a palavra “diáspora” tende a referir-se a qualquer disseminação ou dispersão e enumera três tipos de causas para as mesmas: uma dispersão constringida, com a ausência de um país próprio; uma dificuldade de existência mais ou menos momentânea (diáspora portuguesa e irlandesa), ou uma escolha de atividade e de um modo de vida. Esta definição dá uma larga aceção admitida por um grande número de geógrafos, e Roger Brunet¹⁰, em *Le Déchiffrement du Monde*, considera que qualquer diáspora é um espaço com os seus lugares, as suas redes, os seus nós, mesmo que este se aninhe nos recônditos dos espaços dos outros. Gildas Simon¹¹ alude à dimensão quase planetária da diáspora portuguesa e atribui o fenómeno da diáspora à sedentarização dos imigrantes e à consolidação do seu estatuto administrativo; à reprodução local de populações migrantes; às dificuldades de inserção e de integração; às políticas de imigração na sociedade de acolhimento e à facilidade das comunicações e ao decréscimo relativo dos custos de transportes. Este geógrafo social analisa a formação de uma economia de trocas transnacionais no interior das diásporas entre os países de origem e os focos de países de acolhimento, cujas trocas repousam essencialmente sobre as relações familiares e culturais (comércios étnicos). A dupla residência desenvolve-se nos migrantes, favorecendo frequentes idas e voltas ao ano e aponta, como tal, o exemplo dos portugueses em França. Simon destaca, ainda, a grande plasticidade das diásporas atuais que lhes permitem uma adaptação a várias escalas, desde a local à mundial, e defende que a fluidez característica destes grupos constitui um dos fatores primordiais da geodinâmica das migrações contemporâneas.

4 SHEFFER, 1993: 263.

5 SCHILLER *et al*, 1995; PORTES, 1997; PORTES, 1999; JONES-CORREA, 1998; VERTOVEC, 1999; VERTOVEC, 2001; VERTOVEC, 2009; HELLY; VAN SCHENDEL, 2001; CASTLES, 2005.

6 APPADURAI, 1996; KEARNEY, 1995.

7 BASCH *et al*, 1994.

8 CENTLIVRES, 2000: 3.

9 BRUNET, 1995: 158.

10 BRUNET, 2001: 23.

11 SIMON, 1995: 216.

Apesar da complexidade em definir o termo “diáspora” e da heterogeneidade do seu significado acordado pelos diversos investigadores, a utilização atual do mesmo coloca sempre questões ligadas às migrações voluntária e involuntária de populações, podendo ser vivida de forma sofredora mas também libertadora; com a manutenção ou a recomposição identitária; com as relações mantidas com o espaço de origem e com a existência de comunidades, reivindicando a sua ligação aos lugares, construindo os seus espaços identitários noutros mais vastos.

Para a Geografia e para o estudo da diáspora portuguesa, as questões suscitadas pelas diferentes mobilidades (geográfica, socioeconómica e cultural), pressupõem uma análise dos seus territórios de pertença, de identificação, de residência, de circulação, de relações e práticas, e constituem campos de investigação de importância capital no contexto atual da mundialização.

A complexidade da natureza das mobilidades humanas e a sua internacionalização contemporânea enriqueceram também o vocabulário com termos que permitem (re)pensar e compreender os processos migratórios. Os termos circulação, mobilidade, campo ou território migratório, transnacionalismo, sociedade em redes, novas tecnologias de comunicação ou, ainda, globalização/mundialização constituem algumas das noções largamente utilizadas para descrever as reconfigurações no espaço e no tempo das nossas sociedades.

O termo “diáspora” continua inúmeras vezes a ser entendido na sua aceção mais clássica com conotação de sofrimento para quem se movimenta por motivos forçados quer individuais, quer coletivos ou por condições estruturais constrangedoras (económicas, políticas, religiosas, culturais e sociais). À semelhança das vagas anteriores, a nova vaga de emigrantes lusos “liberta-se” de uma sociedade e de governantes que não souberam criar condições socioeconómicas sustentáveis que evitassem a sua saída do país. Fazer parte da diáspora lusa neste início de século também pode ser encarado como uma experiência libertadora por parte das novas gerações de emigrantes que tiram duplamente proveito de uma melhor formação escolar e profissional, facilitando-lhes uma melhor e mais rápida integração nas sociedades de acolhimento, bem como um usufruto das vantagens económicas e socioculturais que a mobilidade geográfica e a mobilidade virtual oferecem num mundo em constante transformação e movimento. Estamos, mais do que nunca, perante uma diáspora em movimento.

1.2 Dos descobrimentos à (re)planetarização contemporânea da diáspora

O século XV e a época dos descobrimentos constituem o esboço dos primeiros grandes movimentos migratórios externos portugueses com as conquistas do norte de África, o povoamento das ilhas do Atlântico e a ocupação da costa africana.

Desde a altura das grandes descobertas, com uma taxa de emigração de cerca de 3,5% a uma taxa de 18% durante a década de 1970, o pandemónio de partidas tem traduzido ao longo dos séculos o exaspero profundo de condições estruturais que, desde o século XV, transformaram o país numa fábrica de mão-de-obra para exportação¹².

Godinho estima que entre 1500 e 1580 tenham saído de Portugal cerca de 280 mil pessoas e que durante a dominação filipina (1580-1640) talvez uns 360 mil, tendo, posteriormente, diminuído entre 1640 e 1700 para cerca de 120 mil portugueses e aumentado depois com a ocupação territorial do Brasil e a posterior exploração do ouro e dos diamantes (a emigração rondaria então as 8 a 10 mil saídas anuais), sendo que no período desde o início da expansão ultramarina até 1760, cerca de um milhão a um milhão e meio de portugueses tenham deixado o reino.

12 GODINHO, 1978: 22-23.

Causas político-religiosas engrossaram a diáspora com a deslocação de judeus e de cristãos novos portugueses a partir dos finais do século XV. Estabelecem-se grandes colónias de emigrantes, principalmente nos Países Baixos, mas também na Bélgica, no Sudoeste da França, Alemanha, Inglaterra, Itália, Norte de África e mesmo no Oriente¹³.

O estabelecimento da Corte portuguesa no Brasil e a posterior independência deste território, em 1822, não diminuem o fluxo de emigrantes. A Madeira e os Açores passam também a exportar emigrantes, principalmente para o Brasil. A abolição efetiva da escravatura, o desenvolvimento da cultura do café e do algodão atraem novos emigrantes. Segundo Godinho (1978), o período que se estende entre 1855 e 1974 é marcado por uma saída de cerca de 3 milhões e cem mil portugueses¹⁴.

Considera-se que aproximadamente dois milhões de portugueses tenham atravessado o Atlântico entre 1850 e 1930¹⁵. Os destinos transatlânticos não se limitariam apenas às colónias mas abrangeriam também, ao longo do século XX, outros países do continente americano (Venezuela, Canadá, EUA, Argentina e Uruguai, entre outros) bem como africano (África do Sul) e ainda da Oceânia (Austrália).

Com um fraco impulso industrial, Portugal manteve, ao longo dos séculos XIX e XX, uma permanente propensão migratória. Podemos mesmo notar uma tendência de longo prazo para o aumento da emigração em relação com o aumento das oportunidades económicas e das condições de informação e apoio asseguradas pelos portugueses emigrados: apesar da intervenção de engajadores, funcionários e autoridades diversas, os emigrantes deixavam o seu país sobretudo em função da informação personalizada que recebiam de amigos e parentes já instalados nos países de destino¹⁶. Para Leite¹⁷ são evidentes os efeitos que a filoxera teve na produção vitícola e consequentes influências na emigração, em 1890, quando os distritos do Continente mais afetados pela destruição das vinhas registaram, em termos comparativos, taxas de emigração mais elevadas e às quais se somaram, vinte anos depois, o impacto de uma forte emigração nas terras de centeio dos distritos transmontanos devido à crise agrícola.

Na primeira metade do século XX, fatores bélicos contribuíram para a expatriação de milhares de portugueses, nomeadamente para França. Em 1916, o governo português envia uma força expedicionária para as trincheiras do Pas de Calais e fornece um efetivo de 20 000 trabalhadores contratados. Alguns destes trabalhadores não regressaram a Portugal no final da guerra, ao contrário do que estava estipulado no contrato de trabalho, acabando por ficar no país, juntando-se-lhes, posteriormente, alguns dos seus familiares. Este número de portugueses aumentou, ainda mais, com os soldados desmobilizados. A França tornou-se, assim, um dos horizontes de emigração portuguesa. O golpe militar de maio de 1926, em Portugal, levou para França alguns exilados políticos portugueses até ao final da ditadura. Tratou-se, então, do primeiro grande grupo de exilados políticos portugueses em França. A Grande Depressão dos anos 1930 levou muitos trabalhadores a regressar a Portugal, mas incentivou outros a permanecer neste país¹⁸.

A emigração portuguesa intraeuropeia atingiria um período sem precedentes de fluxos de saídas ao longo da segunda metade do século XX, com um pico nas décadas de 1960 e 1970, e outro, mais recentemente, desde a primeira década do século XXI (nomeadamente para França, Reino Unido, Alemanha, Suíça, Espanha, Luxemburgo, Bélgica e Holanda)¹⁹. Paralelamente redescobriu-se o Brasil, a África e até a Ásia.

13 RODRIGUES, 2008: 244.

14 GODINHO, 1978: 7

15 PIRES; MACHADO; PEIXOTO *et al*, 2010: 22.

16 LEITE, 2003: 11.

17 LEITE, 2003: 10.

18 TAVARES, 2001.

19 Entre 1955 e 1974, mais de um milhão de portugueses saíram oficialmente do país, o que corresponde a mais de 82 000 saídas/ano; entre 1974 e 1988, somente 230 000 portugueses abandonaram legalmente o país, o que corresponde a cerca de 15 000 saídas anuais (ARROTEIA, 2007: 2).

Na década de 1980, a prática de atravessar a fronteira a salto fazia parte do passado e o fim dos condicionamentos administrativos restritivos para a saída do país deixaram de ser exercidos. A maior mobilidade nas fronteiras, o desenvolvimento das infraestruturas e dos meios de transporte, a globalização da economia fizeram com que aumentasse a apetência para encontrar noutros países mais desenvolvidos melhores condições de vida e de trabalho. A partir de 1986, com a adesão de Portugal e da Espanha à Comunidade Europeia, bastava atingir a maioridade e dispor do bilhete de identidade para atravessar as fronteiras dos respetivos Estados membros, o que também contribuiu para uma menor cobertura estatística da emigração portuguesa²⁰.

Quando observamos as estatísticas oficiais sobre as saídas de emigrantes lusos por diversos períodos nos últimos 50 anos, podemos facilmente depreender que os últimos anos (2000-2012) constituem o segundo maior período de sangria demográfica da história emigratória contemporânea portuguesa. Apesar dos períodos observados serem de desigual extensão (variando entre 8 e 13 anos) o que também relativiza a análise dos resultados estatísticos, os efetivos registados neste último período ultrapassam em termos absolutos os que foram registados na década de 1970 (Quadro n.º 1) sendo apenas inferiores aos que foram registados na década de 1960.

Quadro n.º 1 – Emigrantes portugueses por período de saída

1960-1969	1970-1979	1980-1988	1992-1999	2000-2012*
646 962	406 011	156 296	240 433	440 690

Fonte: INE – Eurostat (emigrantes permanentes e temporários)²¹.

* Para os anos de 2004 a 2010 foram apenas tidos em conta os efetivos de emigrantes permanentes.

A análise pormenorizada dos registos consulares²² totais (2008 a 2012) dos portugueses dispersos nos diversos destinos da diáspora (Quadro n.º 2) confirma a amplitude do mais recente surto emigratório. Globalmente as principais comunidades continuam a localizar-se no continente europeu e americano. Destacam-se, em termos absolutos, os acréscimos verificados em França, Angola, Reino Unido, Suíça ou ainda na Venezuela e, em termos relativos, pelos acréscimos mais significativos em pequenas comunidades como em Timor (231%), Argentina (69,9%), Irlanda (68,2), Venezuela (37%), Bélgica (49,6%), Moçambique (36,9%), mas também noutras de maior dimensão como em Angola (56,8%), Espanha (33,2%) ou ainda no Reino Unido (29,5%).

A análise dos registos de indivíduos que nasceram em Portugal pode ajudar a compreender melhor a dimensão dos fluxos de saída do país. Em termos absolutos, entre 2008 e 2012, destaca-se claramente a França com cerca de 150 724 novos registos, seguindo-se o Brasil (41 141), a Venezuela (26 323), o Reino Unido (14 677), o Canadá (12 834) ou ainda a Suíça (12 589). Apesar de os dados para Angola não estarem disponíveis, se tivéssemos em conta a variação total dos registos para este período, poderíamos facilmente depreender que se trata na sua grande maioria de indivíduos que nasceram em Portugal, o que de certo modo levaria a considerar que os efetivos nesta categoria (cerca de 40 000) representariam o segundo maior acréscimo em

20 MOREIRA, 2006: 55. Abolição do passaporte de emigrante em 1988 e livre circulação das pessoas garantida no espaço Schengen assinado por Portugal em junho de 1991.

21 Os números exatos sobre os fluxos migratórios em Portugal são difíceis de obter devido aos métodos utilizados nas estatísticas. As estimativas sobre emigração apresentadas por outras fontes apresentam números muito superiores (OCDE, 2013).

22 As limitações dos dados consulares devem-se ao facto do registo ser voluntário, não estando implicada qualquer obrigatoriedade de comunicação de alterações que impliquem a eliminação do registo (saída e óbito por exemplo). Como tal, os registos consulares apesar de expressarem uma tendência, também limitam a análise desta variável e encontram-se muito provavelmente aquém dos efetivos reais de entrada noutra destino.

termos absolutos, logo a seguir à França. Embora ainda em posição marginal em termos estatísticos, devemos também salientar o aumento dos efetivos em espaços mais longínquos como Timor, devido fundamentalmente à cooperação do Estado português com este país desde a sua independência, em 2002. Em situação oposta, encontra-se a diáspora lusa na África do Sul com uma diminuição significativa dos registos consulares de indivíduos nascidos em Portugal (7485) nos últimos quatro anos.

Quadro n.º 2 – Registos consulares (2012)

	Registos totais		Nascidos em Portugal		
	Total	Variação 2008-2012 (%)	Total	Variação 2008-2012	Variação %
França	1 190 798	10,3	817 138	150 724	22,6
Brasil	612 203	-5,3	425 396	41 141	10,7
Suíça	288 465	11,1	210 327	12 589	6,4
EUA	195 164	9,1	168 484	5586	3,4
Reino Unido	171 497	29,5	100 542	14 677	17,1
Alemanha	171 166	18,5	117 327	9160	8,5
Venezuela	165 498	37,0	96 509	26 323	37,5
Canadá	133 954	19,0	103 653	12 834	14,1
Angola	113 994	56,8	n.d	n.d	n.d
Luxemburgo	99 738	20,4	60 502	9 520	18,7
África do Sul	71 513	-0,1	25 780	-7485	-22,5
Espanha	66 212	33,2	47 959	11 082	30,1
Austrália*	50 157	n.d	n.d	n.d	n.d
Bélgica	46 642	49,6	33 039	8639	35,4
Moçambique	22 663	36,9	9224	3013	48,5
Andorra	12 787	-3,1	10 918	-682	-6,2
Cabo-verde	12 333	27,8	n.d	n.d	n.d
Holanda	11 936	52,3	1530	319	26,3
Timor	9700	231,6	1699	1123	195,0
Argentina	8190	69,9	3458	1119	47,8
São Tomé**	4268	66,9	1069	383	55,8
Irlanda	3314	68,2	2006	791	65,1
Itália***	2337	-10,4	1434	-163	-10,2
Dinamarca	1189	2278	701	651	1302,0

n.d - não disponíveis.

* Dados apenas disponíveis para 2010.

** Dados não disponíveis para 2012.

*** Dados apenas disponíveis de 2008 a 2010.

Fonte: DGACCP – Observatório da Emigração.

Os valores globais dos registos consulares (cerca de 3 milhões e quatrocentos mil em 27 países), bem como as estimativas da população lusa e seus descendentes residentes noutros países nos finais de 2012 (aproximadamente 5 milhões e meio de indivíduos) são esclarecedores da dimensão da diáspora lusa disseminada pelos diversos continentes. Trata-se, assim, de uma diáspora lusa em contínua expansão mesmo em destinos mais longínquos de outros continentes como sucede em África, na América e mesmo na Ásia.

2. Mobilidades socioespaciais

2.1 Das gerações instaladas

Nas comunidades migrantes a mobilidade profissional constitui uma das formas de mobilidade social que imprime mudança no projeto de vida das pessoas e influencia o processo de integração na sociedade de acolhimento. Nas comunidades lusas radicadas há mais tempo nos países de acolhimento é notável a evolução socioeconómica como resultante integrante de um processo de integração contínuo que amadureceu ao longo dos tempos. São inúmeros os exemplos que confirmam a integração socioeconómica, cultural e política da diáspora lusa das primeiras gerações e, ainda mais, dos seus descendentes nos mais diversos continentes.

Na Europa, a terciarização da mão-de-obra imigrante portuguesa é uma realidade dos nossos dias. Em Espanha, a distribuição por setores de atividade dos portugueses emigrados tem duas concentrações fortíssimas: a construção civil, embora em franca descida nos últimos anos devido à crise imobiliária no país²³, e a forte expansão dos serviços nos últimos anos²⁴.

Em França, numa comunidade lusa estimada em um milhão e duzentos mil membros, em 2013, não obstante a forte proporção de imigrantes a trabalhar ainda fundamentalmente como operários no setor da construção civil e na indústria, a maioria dos imigrantes e dos seus descendentes trabalha atualmente em atividades terciárias. Relativamente às primeiras gerações, os lusodescendentes revelam níveis de instrução e de qualificação profissional mais elevados²⁵ e tendem a trabalhar fundamentalmente em atividades do setor terciário²⁶. A forte variação estatística de imigrantes lusos com formação altamente qualificada também contribui para a mobilidade socioprofissional em curso. Em termos absolutos, os efetivos quase triplicaram entre 1999 e 2009 (respetivamente 6256 e 18 502) e são agora superiores aos de outras comunidades como a espanhola ou a italiana²⁷.

No Luxemburgo, em 2013, o instituto de estatísticas Statec estima em 88 200 os efetivos lusos residentes no país, o que corresponde a 16,4% da população total e a 36,9% da população imigrante deste país. Apesar de a mesma registar uma forte representatividade de empregados no setor secundário, com particular destaque para o sector da construção civil (60% dos homens da primeira geração e 23% da segunda), e no setor terciário com destaque para os serviços domésticos (70% das mulheres da primeira geração exercem atividades profissionais relacionadas com a limpeza), os lusodescendentes têm demonstrado uma evolução socioprofissional para setores da saúde e do comércio²⁸. As segundas e terceiras gerações também elas têm demonstrado progressos na escolaridade relativamente aos seus predecessores, embora ainda insuficientemente face aos níveis da população luxemburguesa²⁹.

23 PINHO; PIRES, 2013: 12.

24 Em 2008, cerca de 16 000 portugueses trabalhavam na agricultura, 53 000 na construção, 8500 na indústria e 57 400 nos serviços (Observatorio Permanente de la Inmigración).

25 Em 2010, segundo o INSEE (Institut National de la Statistique et des Études Économiques, 2012: 166 - 167), cerca de 19% dos lusodescendentes (30-49 anos) tinham concluído os estudos secundários e 25% tinham estudos universitários.

26 DIOGO, 2012a: 206.

27 DIOGO, 2012a: 206.

28 TRAUSCH, 2009: 84.

29 Nas classes etárias com mais de 55 anos, 90% dos indivíduos tinha o ensino primário com 4 anos de escolaridade ou ensino primário mais o ensino técnico de 3 anos. Na classe etária de 25 a 29 anos, 45,4% dos indivíduos tinham concluído 5 anos de ensino secundário e 9,8% tinham

Na Suíça, apesar do fraco nível de escolaridade da primeira geração de portugueses, alguns estudos apontam para que apenas um em cada cinco adultos tenha frequentado apenas 4 anos de escolaridade e três em quatro não tenha ultrapassado os 8 anos de escolaridade. Os dados oficiais apontam para uma clara melhoria relativamente às gerações anteriores dos lusodescendentes, embora com percursos escolares ainda bastante orientados para as fileiras profissionais (sobretudo na população masculina)³⁰. Apesar dos grandes progressos verificados nestes países de acolhimento, os lusodescendentes continuam a revelar níveis de escolaridade ainda bastante inferiores aos da população autóctone.

Nos Estados Unidos, segundo Dulce Scott³¹, a via seguida pelos portugueses para a integração não foi muito diferente de outros estrangeiros ao chegarem a este país com níveis baixos de escolaridade e com poucas habilitações técnicas e profissionais. A maioria dos lusodescendentes com níveis escolares elevados tinha pais que não concluíram os estudos secundários e trabalhavam na agricultura, no setor têxtil, pesca, construção e serviço doméstico. No grupo dos inquiridos o progresso educacional e profissional de uma geração para a seguinte foi fenomenal. Ainda segundo esta investigadora, no que respeita à população portuguesa americana, os dados do American Community Survey colocam a taxa de escolaridade superior nos 23% e a taxa de escolaridade secundária nos 82,6%. Para os que nasceram em Portugal, só 9,5% completaram a educação universitária. Houve, assim, progressos escolares entre a geração imigrante e a lusodescendente. Os dados oficiais também mostram uma progressão geral do trabalho manual para as profissões de colarinho branco, entre as primeiras gerações e os descendentes nascidos na América.

No Canadá, as primeiras gerações oriundas das regiões rurais mais pobres de Portugal continental e dos Açores, nos anos 1950, ocuparam sobretudo empregos não qualificados na construção civil, na indústria e nos serviços, mas depressa ultrapassaram as limitações impostas pelo seu baixo nível de escolaridade³². Um sucesso que fica, segundo alguns investigadores, aquém das expectativas nas gerações seguintes. Um relatório de 2005 sobre a mobilidade inter-geracional nos filhos de imigrantes demonstrou que, apesar dos jovens lusodescendentes terem duplicado o nível de instrução relativamente aos seus pais, os seus rendimentos não tinham realmente melhorado³³. Os investigadores sociais têm apontado resultados escolares dos luso-canadianos inferiores à média autóctone, com particular expressão no abandono mais precoce dos estudos. Tal como noutras sociedades de acolhimento da diáspora lusa, o sucesso de inclusão destas gerações nas sociedades locais continuará a depender em grande parte do sucesso dos seus resultados escolares³⁴.

Uma outra mobilidade socioespacial tem ocorrido nos países de acolhimento como resultante do sucesso socioeconómico dos imigrantes lusos. O aumento do poder de compra das comunidades migrantes tem demonstrado uma evolução singular na sua implantação territorial, principalmente em meio urbano. O acesso à propriedade é um dado adquirido nas primeiras gerações e descendentes e pressupõe novas dinâmicas de implantação urbanas em curso. Em diversos países da diáspora tem-se confirmado a ocupação de novos espaços habitacionais que expressam uma acensão socioeconómica e consequente integração sociocultural.

um nível de ensino superior (STATEC – Institut National de la Statistique et des Études Économiques du Grand-Duché du Luxembourg, 2011: 4).
30 FIBBI; BOLZMAN; FERNANDEZ *et al*, 2010: 42, 48.

31 Inquérito online (embora não representativo de toda a população luso-americana) e entrevistas que aplicou aos lusodescendentes na Califórnia e na Nova Inglaterra; captou segmentos de população lusodescendente com altos níveis de qualificações académicas, de rendimento e de participação política (SCOTT, 2012).

32 NUNES, 2008: 136.

33 AYDEMIR; CHEN; CORAK, 2005 *apud* NUNES, 2008.

34 Segundo os censos canadianos, em 2001, viviam cerca de 358 000 portugueses no Canadá, com 60% dos luso-canadianos a viver em Toronto e em Montreal. A DGACCP (Direção Geral dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas) aponta para uma população portuguesa e de origem portuguesa de 429 850 indivíduos, em 2011.

Na região de Montreal, no Canadá, Gilles Lavigne descreveu o processo de apropriação pelos imigrantes portugueses do bairro Saint Louis que estava em vias de ser abandonado na década de 1960³⁵. Esta nova dinâmica territorial deu origem ao *Little Portugal*, à medida que os portugueses se concentraram, sedentarizaram e lançaram bases comunitárias. Nas regiões de Montreal, no Quebec, e de Mississauga, em Toronto, o geógrafo Carlos Teixeira destacou a importância das relações étnicas na procura de emprego ou de casa. Este investigador também demonstrou que, nos últimos anos, o bairro português de Toronto tinha passado por um processo de transformação devido principalmente a três tendências: a primeira corresponde à movimentação de muitos portugueses do centro da cidade para os subúrbios onde encontram casas mais amplas, mais baratas e mais espaços verdes; a segunda tem a ver com a rede de profissionais que procura casas velhas próximas do núcleo central³⁶; a terceira prende-se com a chegada de imigrantes e refugiados da diáspora portuguesa (inclui também brasileiros e pessoas das antigas colónias portuguesas).

Na Europa, os dados estatísticos e os estudos disponíveis em alguns países, como em França ou no Luxemburgo, confirmam o estatuto de proprietário para uma percentagem significativa da diáspora³⁷. A ocupação territorial dos centros das cidades, algumas vezes vetustos e degradados por parte das primeiras gerações de imigrantes lusos, quer na Europa quer na América do Norte, sofreu novas dinâmicas de ocupação residencial para outras áreas fundiárias mais valorizadas, para espaços mais aprazíveis, tendencialmente periféricos, com maior disponibilidade de espaço e com preços fundiários mais acessíveis que permitem a aquisição/construção da habitação individual e que, em ambos os casos, refletem uma promoção económica e integração social nos territórios de acolhimento. Outros fatores associados a dinâmicas empresariais na construção civil e a relações de entreajuda preferencial nas redes comunitárias têm contribuído para o acesso à propriedade habitacional. Partindo de dois estudos, na diáspora no Luxemburgo e na região de Lyon³⁸, em França, também foi possível aferir que práticas transnacionais de materiais para a habitação a partir de Portugal constituem uma realidade dos nossos dias e têm-se refletido, quer no espaço interior, onde se privilegia a aplicação de móveis mas também de rochas ornamentais, de azulejos e de madeiras, quer no espaço exterior das habitações, com destaque para as rochas ornamentais mas também para as caixilharias, as madeiras e, em menor proporção, os azulejos. Ao adquirirem os materiais da terra de origem, os imigrantes lusos enaltecem também o lado afetivo de ligação aos mesmos – “os materiais da minha terra”. A colocação de materiais autóctones ou mais convencionais com outros importados de Portugal por parte do imigrante permite antever situações de construções arquitetónicas de tipo híbrido nos respetivos países de acolhimento e contribui de facto para uma arquitetura popular com marcas da portugalidade.

Não poderíamos deixar de referir, na geografia da diáspora lusa, a importância que revestem as atividades étnicas na construção das paisagens da portugalidade. Quer se trate das sucursais de empresas nacionais relacionadas com os serviços (bancos, seguradoras, entre outros)³⁹, quer da dinâmica do fenómeno associativo⁴⁰

35 LAVIGNE, 1995.

36 Em 2003, 70% dos portugueses eram proprietários da sua habitação no Canadá (MURDIE; TEIXEIRA, 2003).

37 Em 2011, no Luxemburgo, segundo o STATEC, 54% dos portugueses eram proprietários da sua habitação. A taxa é de 70% para os portugueses que chegaram entre 1960 e 1990, de 59,1% para os que chegaram entre 1991 a 2000 e de 27,4% para os que chegaram entre 2001 e 2011. Em França, em 2009, aproximadamente 55% dos lares portugueses eram proprietários da sua habitação (INSEE/INED, Institut National de la Statistique et des Études Économiques/Institut National d'Études Démographiques).

38 DIOGO, 2013b.

39 O grupo público CGD possui uma vasta rede de agências nos vários países da diáspora: na Europa são cerca de 57 agências, das quais 47 em França (39 em Paris e região parisiense). O grupo dispõe de bancos locais como em Espanha, ou ainda em África, e de uma rede de sucursais na América e na Ásia. Os outros dois grupos financeiros portugueses BCP e BPI também dispõem de uma rede de sucursais ou de bancos locais em vários países da diáspora.

40 Um levantamento efetuado desde 2007 junto das Missões Diplomáticas e Postos Consulares pela Direção Geral dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas (DGACCP) estima em cerca de 2700 o número de associações portuguesas no mundo, sendo os países com um maior número de associações a França (1026); os EUA (343); a Alemanha (281); o Brasil (254); o Canadá (216); a Suíça (162); o Luxemburgo (83); a

(com funções culturais, recreativas, desportivas), bem como de uma diversidade de estabelecimentos étnicos com funções diversificadas (restauração⁴¹, comércio e serviços diversos como agências de viagens, livrarias), todos contribuem como referenciais socioeconómicos e culturais dentro e fora da diáspora. Por vezes, a elevada concentração geográfica de imigrantes lusos e de atividades étnicas permite a delimitação de um espaço designado por “bairro português” como sucede com *Portugal Village*, em Toronto, e *Little Portugal*, em Montreal (Canadá); *Little Portugal*, em Newark e San José (EUA), ou ainda *Little Portugal* em Londres, entre outros.

Tendo em conta estas dinâmicas, a diáspora lusa vai imprimindo os seus referenciais culturais na paisagem mundial, principalmente em meio urbano, contribuindo para o mosaico multicultural e para as relações interculturais nos países de acolhimento.

2.2 À dicotomia da nova vaga

O crescimento muito rápido dos meios de transporte e de comunicação durante a segunda metade do século XX favoreceu o processo de mundialização que, por sua vez, beneficiou a manutenção ou a expansão das diásporas.

Fazer parte de uma diáspora implica poder viver, ao mesmo tempo, à escala transnacional do mundo e à escala nacional e local do país de acolhimento e do país de origem. Os fluxos emigratórios portugueses, nas últimas duas décadas, classificados em termos de duração como sendo do tipo mais temporário, assemelham-se cada vez mais a fluxos de trabalhadores transnacionais que, não necessitando de um processo de assimilação ou mesmo de aculturação no país de acolhimento, definem projetos migratórios de mais curta duração com o claro objetivo de remediar as situações financeiras ou económicas mais debilitadas deixadas no país de origem ou para simplesmente adquirir bens. Este fenómeno foi particularmente sentido na última década em que o país mergulhou em períodos de recessão e de fraco crescimento económico. Alguns setores tradicionais mais debilitados com a crise económica, como a construção civil, a desindustrialização do setor têxtil ou do setor mobiliário, bem como a contração dos serviços, têm sido os grandes fornecedores da mão-de-obra emigrante portuguesa nos últimos anos.

Com 14,2% dos nacionais a viver em outros países da OCDE, Portugal é um dos Estados membros (a par da Irlanda – 16,1; do México – 12,1; e da Nova Zelândia – 13,9) com maiores taxas de emigração. Os últimos dados da OCDE confirmam o aumento da mão-de-obra com formação superior⁴². Os dados revelam ainda que 12,9% dos licenciados portugueses estão emigrados em outros Estados da OCDE. Segundo a OCDE, Portugal é dos poucos países analisados que tem uma taxa de emigração de licenciados mais baixa do que a taxa de emigração global. Na comparação de géneros, Portugal tem menos mulheres do que homens a emigrar, já que a taxa de emigração da população feminina é de 13,5%, contra a taxa global de 14,2%⁴³.

África do Sul (81) e a Austrália (61).

41 Pelo menos dezoito restaurantes portugueses estão referenciados na região parisiense. Cerca de 72 restaurantes, padarias e cafés portugueses estão referenciados na área de Toronto (Canadá).

42 Para Jean-Christophe Dumont, diretor do Departamento de Migrações Internacionais da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), a emigração qualificada portuguesa (25 mil pessoas para o Reino Unido e 12 mil para a Alemanha) ainda é “temporária” e não afeta, “por enquanto”, a economia portuguesa (TVI24, 29.10.2013).

43 Segundo o relatório da OCDE sobre Perspetivas das Migrações Internacionais 2013, que dá conta de que Portugal é um dos países daquela organização com maior taxa de emigração, encontrando-se em 14.º lugar naquele universo que inclui quarenta países.

Os estudos recentes apontam os setores de atividade relacionados essencialmente com a saúde⁴⁴, a área financeira e das tecnologias de informação e comunicação⁴⁵, ou ainda a arquitetura⁴⁶, como sendo os grandes emissores de mão-de-obra mais qualificada. Em França, o sociólogo Teixeira Lopes entrevistou profissionais altamente qualificados que estão a progredir rapidamente, alguns dos quais já na função pública francesa, outros que se tornaram pequenos empresários ou trabalhadores por conta própria, considerando que essa evolução foi feita com uma velocidade surpreendente. No Reino Unido, Cláudia Pereira confirma o elevado grau de empregabilidade destes profissionais, por contratação local ou em Portugal, logo no primeiro mês de chegada à capital britânica⁴⁷.

Também os estudos tendem a demonstrar definições de projetos migratórios diferentes em função do nível sociocultural dos emigrantes lusos. Os mais qualificados tendem a preocupar-se mais com a sua qualidade de vida no país de acolhimento e canalizam os seus recursos para o seu bem-estar, não se preocupando tanto com reais problemas de poupança⁴⁸. Podem deste modo desenvolver-se outros hábitos de consumo associados a uma maior propensão pelas viagens e pela descoberta das regiões onde se instalam, bem como usufruir da oferta cultural como sucede com os portugueses qualificados na capital britânica⁴⁹. Em situação diferente encontram-se muitos dos novos imigrantes lusos com nível de escolaridade mais baixos que são mais propícios a poupar e a manter relações transnacionais económicas com o país de origem. Os projetos migratórios parecem também divergir em função dos espaços de acolhimento. Na Europa, a tendência pode levar a um maior prolongamento do período migratório; noutros países, nomeadamente em África, a tendência pode consistir em definir projetos migratórios de mais curta duração com o objetivo de amealhar dinheiro suficiente para pagar dívidas ou investir num projeto em Portugal. A explicação passa, em parte, pelo facto deste continente continuar a revelar grandes disparidades socioeconómicas, com relações diplomáticas bilaterais complexas, por vezes sensíveis e instáveis, como sucede com Angola, com um custo de vida elevado, ou por problemas reais de segurança também eles manifestados mais recentemente em Moçambique⁵⁰.

Também é visível na Europa, em África e nas Américas uma diminuta ou quase inexistente relação de convivência entre grupos socioculturais distintos pertencentes à mesma diáspora⁵¹. No Luxemburgo, os trabalhadores altamente qualificados das instituições europeias tendem a não conviver com a restante comunidade⁵². O mesmo acontece em França, onde os novos imigrantes mais qualificados estão mais alheados do fenómeno associativo. Neste país, Teixeira Lopes faz referência aos novos emigrantes qualificados que não se cruzam

44 Pelo menos cinco mil jovens enfermeiros saíram do país à procura de trabalho nos últimos três anos e meio (Ordem dos Enfermeiros, com base no número de profissionais que pediram a Declaração das Diretivas Comunitárias, documento necessário para exercer a profissão na União Europeia – Renascença, 17.7.2013). De 1 de abril de 2012 a 19 de março de 2013 inscreveram-se 773 enfermeiros portugueses no Nursing and Midwifery Council (Público, 12.4.2013). Sobre este assunto, ver ainda LOPES, 2013 (inquéritos e entrevistas realizados em 2012 a 113 jovens portugueses entre os 20 e os 35 anos, com formação superior, radicados em França); PEREIRA, 2013; SANTOS, 2013; ARAÚJO, 2013.

45 Nos primeiros nove meses de 2013, 659 diplomados em Engenharia, quase todos em Civil, pediram à Ordem a declaração obrigatória para poderem inscrever-se numa associação profissional estrangeira e poderem exercer noutros países (BASTOS, 2013).

46 O número de certificados atribuídos pela Ordem dos Arquitetos para que os profissionais possam trabalhar fora do País tem aumentado: 160 certificados em 2009; 463 pedidos em 2012 e 250 até meados de 2013 (CARVALHO, 2013).

47 Trabalho de pós-doutoramento, em entrevista ao Observatório da Emigração, a 29.7.2013.

48 Embora alguns artigos na imprensa relatem histórias de vidas de emigrantes portugueses na região parisiense que emigraram com a preocupação de ganhar mais dinheiro para poder pagar dívidas contraídas com os empréstimos para a habitação (RIBEIRO, 2013). Também um inquérito de 2011 realizado na região de Lyon em França confirmou que 70% dos indivíduos chegados há menos de 10 anos enviam remessas para Portugal (DIOGO, 2012a: 218).

49 PEREIRA, 2013.

50 Tensão política no norte do país entre as forças governamentais e a Renamo bem como as recentes vagas de raptos de estrangeiros em Maputo que deixam apreensivos os portugueses aí residentes (GOMES, 2013).

51 Para o secretário de Estado das Comunidades, José Cesário, a nova geração de emigrantes "não participa na vida comunitária" no país de acolhimento, não se integra nas comunidades lusas mais antigas (*LusoJournal*, 6.11.2013: 3).

52 Informações obtidas a partir dos contactos estabelecidos em janeiro de 2013 com o Sr. Cônsul da Embaixada de Portugal no Luxemburgo.

com a velha diáspora portuguesa, não se revendo na mesma⁵³. Em Angola, os quadros altamente qualificados lusos de empresas portuguesas ou multinacionais parecem distinguir-se dos seus conterrâneos menos qualificados e preferem conviver com as elites angolanas ou brasileiras⁵⁴.

Nem sempre o sucesso socioeconómico abrange todas as camadas da diáspora nos vários continentes e a maioria dos portugueses que tem emigrado nos últimos anos, apesar de serem mais instruídos e qualificados do que as gerações anteriores, continua a manifestar uma escolaridade ao nível do ensino básico/secundário e constitui regularmente um grupo mais vulnerável em termos de integração socioeconómica quando chegam aos seus novos destinos.

As fraturas sociais subsistem tanto nas gerações mais antigas de imigrantes enraizadas⁵⁵ há vários anos nos países de acolhimento, que nem sempre tiveram o sucesso desejado, bem como nas novas gerações empurradas para uma precariedade económica quotidiana vivida em países desenvolvidos como o Luxemburgo, a França, a Suíça, a Espanha, a Holanda e, certamente, noutros mais. Trata-se, porventura, de um tema pouco investigado e divulgado, em parte devido ao estigma social e político que também pode acarretar. Enquanto a televisão portuguesa projeta documentários que enaltecem casos de sucesso na emigração, por vezes conduzindo a uma certa promoção da emigração, a imprensa destaca inúmeras vezes realidades quotidianas de pobreza e precariedade no seio da nova diáspora. Certos problemas relatados pela imprensa são particularmente visíveis em países como a França, exemplificados pela exploração moderna de trabalhadores sazonais na agricultura ou na construção civil⁵⁶ que, à semelhança de imigrantes de outros países, são apelidados de trabalhadores *low-cost*. A França registava em 2012 aproximadamente 300 000 trabalhadores estrangeiros *low-cost*, entre os quais 110 000 no setor da construção civil, destacando-se polacos, espanhóis, búlgaros e portugueses, pagos a menos de metade do salário mínimo francês⁵⁷. Trata-se de um tráfico organizado que se aproveita de trabalhadores de países em crise, com base num *dumping* salarial.

O mesmo fenómeno ressurge na Suíça, na construção civil, por vezes em empresas de imigrantes lusos que atravessam dificuldades económicas, mas também noutros setores como a restauração, onde a remuneração por hora paga ao trabalhador pode ser substancialmente menor do que os mínimos fixados pelas convenções coletivas do trabalho.

No Luxemburgo, a saturação do mercado de trabalho tem sido frequentemente referida pela imprensa e pelas autoridades portuguesas e luxemburguesas. Apesar destes avisos, o país continua a receber numerosos imigrantes portugueses⁵⁸. Os elementos da nova vaga da emigração lusa estão por vezes dependentes do apoio socioeconómico providenciado pelas redes migratórias já enraizadas. O papel das redes comunitárias (familiares, de amizade e associativas) torna-se fundamental para apoiar a integração socioeconómica destas

53 LOPES, 2013: 17.

54 SANTOS, 2013: 160.

55 Em França, segundo o inquérito PRI de 2003 (Passagem à reforma dos imigrantes – Almeida, 2008), cerca de 30% dos inquiridos lusos entre 45 e 70 anos responderam dispor de rendimentos mensais inferiores a 1000 euros. A média geral das reformas paga em 2010 aos portugueses era de 701 euros (Santa Casa da Misericórdia de Paris, 2010) quando o limiar de pobreza para 2011 situava-se entre 814 e 977 euros, segundo a definição adotada (Observatoire des Inégalités, 2013).

56 Relatos de sindicatos sobre trabalhadores na agricultura, sem contratos de trabalho, pagos entre 500 e 700 euros por mês, em numerário, a 3 euros por hora em regiões vinícolas. Na construção civil, a situação é análoga, sendo que estes trabalhadores efetuam muitas vezes horas extras sem que haja qualquer retorno. As redes de angariadores são muitas vezes constituídas por compatriotas lusos e franceses (BARRE, 2012: 4).

57 RMC Info, 12.12.2012.

58 O sindicato luxemburguês OGB-L denunciou práticas de exploração de trabalhadores portugueses na construção civil, recrutados em Portugal, que recebem salários de 350 euros/mês, nalguns casos a trabalhar “sete dias por semana” e “14 horas por dia”. Muitas vezes, estão alojados na fronteira francesa, com propensão para uma grande mobilidade que dificulta a fiscalização da inspeção do trabalho (Lusa/Sol, 16.3.2013). A Confederação da Comunidade Portuguesa no Luxemburgo criou um Gabinete de Apoio Psicossocial para responder aos problemas dos novos emigrantes. Segunda esta associação, 40 a 50 casos de depressão estão a ser diagnosticadas todos os meses a portugueses que chegam ao Luxemburgo confrontados com a falta de trabalho, a língua e dificuldades de integração (TSF, 12.3.2013).

novas gerações menos informadas, muitas vezes desesperadas, com menor bagagem escolar e profissional que partiram à procura de uma vida melhor.

Com a redução dos custos de transporte de longa distância, os migrantes podem ir e vir mais facilmente do que antigamente. Eles migram por períodos de tempo curtos, regressam a casa e migram de novo, trata-se então de migrações circulares, um esquema em que é facilitada a circulação entre o país de origem e o país de acolhimento. Por outro lado, os ciclos económicos também reconfiguram os percursos migratórios dos emigrantes. Espanha é muito provavelmente um dos melhores exemplos desta realidade migratória lusa na Europa. A crise económica que abalou este país nos últimos anos empurrou milhares de portugueses aí residentes que trabalhavam na construção civil para economias mais dinâmicas como a França, Luxemburgo ou ainda a Suíça⁵⁹. Estudos recentes têm confirmado experiências migratórias multipolares anteriores⁶⁰ na diáspora lusa na Europa. Vislumbra-se também, à semelhança do que aconteceu com os primo-imigrantes, uma propensão para a mobilidade com experiências migratórias diferenciadas no país de fixação⁶¹, facilitadas pelos contactos com a rede comunitária e pela procura constante de melhores condições de trabalho.

As regiões de fronteira são também o palco de geodinâmicas que envolvem migrações pendulares transfronteiriças na comunidade lusa. O caso luxemburguês constitui um dos melhores exemplos, uma vez que milhares de portugueses que residem na Bélgica, na Alemanha ou em França (onde os custos de alojamento são mais acessíveis quer para arrendamento, quer para compra) trabalham diariamente no grão-ducado⁶². O mesmo fenómeno reproduz-se na fronteira entre a França e o principado do Mónaco⁶³. Deste modo, assistimos a uma pluralidade de espaços migratórios na diáspora lusa que envolve territórios a várias escalas e dimensões, com funcionalidades e adaptações plurais.

Nos espaços migratórios, a mobilidade humana é complementada pela existência de práticas transnacionais que envolvem fluxos de bens que permitem tirar algum proveito económico ou ainda reforçar as ligações afetivas e culturais com o território de origem. Nesse sentido, alguns estudos têm permitido ilustrar a existência de práticas transnacionais na diáspora lusa na Europa, como sucede na Suíça da autoria dos sociólogos José Marques e Pedro Góis⁶⁴, do antropólogo Eduardo Araújo⁶⁵, ou ainda em França⁶⁶ e no Luxemburgo⁶⁷. Os estudos empíricos demonstram a importância da transação de fluxos de bens/produtos de natureza financeira, mas também cultural, entre os quais se destacam os produtos gastronómicos, uma vez que a arte de beber e de comer são práticas de identificação cultural e de ligação a um território.

O envio de remessas para Portugal constitui um dos melhores exemplos de práticas transnacionais de natureza financeira. As práticas transnacionais financeiras constituem uma dessas variáveis mais passíveis de observação tendo em conta os dados estatísticos fornecidos pelo Banco de Portugal, mas também os estudos

59 Crise na construção espanhola afeta portugueses (RTP, 20.1.2009).

60 No âmbito de um inquérito (tese de doutoramento sobre os portugueses de Lyon, em França), cerca de 1/3 do grupo de imigrantes da última vaga vivenciou experiências migratórias anteriores noutros países, sobretudo em Espanha e na Suíça. No caso da Suíça, a importante comunidade lusa aí presente mantém uma forte ligação com a comunidade lusa radicada na região Rhône-Alpes, em França (DIOGO, 2012a: 209).

61 Cerca de 19% dos indivíduos a residir em Lyon, há menos de 10 anos, que colaboraram num inquérito, tiveram outras experiências migratórias noutras regiões de França (DIOGO, 2012a: 295).

62 Segundo um estudo do ministério do alojamento luxemburguês (2010), os portugueses transfronteiriços que se instalaram nos países vizinhos, na Valónia (Bélgica), Sarra (Alemanha) e sobretudo na Lorena (França) evocaram a questão do menor custo do alojamento como motivo de residência nesses países (mais de 75%), sendo que uma percentagem significativa dos mesmos tornou-se proprietário da sua habitação (40%) quando antes eram essencialmente locatários no grão-ducado.

63 No Mónaco, cerca de 28 000 franceses e 4000 italianos são trabalhadores fronteiriços, num total de 38 000 empregos ocupados essencialmente por não residentes do principado (INSEE, 2006). Numerosos portugueses que residem em cidades como Beausoleil, na fronteira monegasca, são trabalhadores transfronteiriços no Mónaco (BRANCO, 2013: 13).

64 MARQUES; GÓIS, 2008.

65 ARAÚJO, 2013.

66 DIOGO, 2012b.

67 DIOGO, 2013b.

empíricos realizados na diáspora. O inquérito já referido anteriormente junto da comunidade lusa de Lyon, em França, permitiu confirmar que as transferências financeiras para Portugal ainda são significativas para os imigrantes portugueses e descendentes (53,8%)⁶⁸. O mesmo confirmou amplamente a tendência para uma dicotomia: por um lado, as primeiras gerações enviam menos remessas devido ao seu grau de integração na sociedade local, acrescido do facto de já terem realizado os seus projetos de vida que os ligava a Portugal e, por outro lado, a nova vaga de emigrantes constituída por elementos de nível sociocultural mais elevado que optam por aproveitar melhor a vida no país de acolhimento, preocupando-se menos com questões de envio de remessas. Os restantes membros da diáspora com qualificações profissionais mais baixas continuam a enviar com alguma regularidade poupanças para Portugal. No Luxemburgo, um inquérito⁶⁹ aplicado junto da comunidade local também permitiu aferir o elevado nível de práticas transnacionais financeiras em relação a Portugal (70% dos inquiridos confirmaram enviar remessas regularmente para Portugal).

As remessas dos emigrantes recebidas em Portugal entre 2006 e 2012 (Quadro n.º 3) confirmam a tendência de crescimento das mesmas como resultante da expansão da diáspora.

Quadro n.º 3 – Remessas recebidas em Portugal (milhares de euros)

Origem	2012	Variação 2006-2012	Variação %
França	846 149	-132 802	-13,6
Suíça	697 326	166 605	31,4
Angola*	270 687	222 573	462,6
Alemanha	172 943	4041	2,4
EUA	135 553	-87 451	-39,2
Reino Unido*	130 487	-33 088	-20,2
Espanha*	129 910	33 216	34,4
Luxemburgo	74 532	-7 303	-8,9
Bélgica	52 019	23 771	84,2
Canada	45 900	-30 511	-39,9
Holanda	45 468	35 556	358,7
Itália	20 013	14 191	243,7
Venezuela	12 098	3655	43,3
Brasil	10 733	2546	31,1
Suécia	8910	6384	252,7
África do Sul	7857	1013	14,8
Irlanda	6850	3890	131,4
Noruega*	5005	2332	87,2
Moçambique	5003	3068	158,6

68 DIOGO, 2012a (Inquérito à população portuguesa de Lyon, novembro 2010-janeiro 2011, 509 inquiridos).

69 DIOGO, 2013b (Inquérito à população portuguesa do Luxemburgo, janeiro de 2013, 272 inquiridos repartidos pelos dois sexos: 17, 6% dizem enviar regularmente e 52,1% por vezes).

Dinamarca	4610	1561	51,2
Austrália	4168	284	7,3
Cabo-Verde	2389	-490	-17,0
Arabia Saudita	588	500	568,2
Argentina	388	362	1392,3
São Tomé	338	-28	-7,7

* Países com dados a partir de 2007.

Fonte: Banco de Portugal – Observatório da Emigração.

Também é possível constatar que em determinados países com um peso relativo mais modesto no total das remessas, muitas vezes com valores inferiores a 55 milhões de euros, o acréscimo tem sido exponencial, como é o caso da Bélgica, da Holanda, e também de países com valores muito pouco expressivos à semelhança da Europa do norte (Dinamarca, Suécia, Noruega) ou mesmo de Moçambique, entre outros. Trata-se, maioritariamente, de países que registam um crescimento de mão-de-obra mais qualificada mas ainda com uma fraca expressividade em termos de efetivos. No caso do Brasil, os valores das remessas são pouco expressivos, atendendo à dimensão da comunidade lusa e continuam a confirmar uma balança de remessas claramente desfavorável a Portugal.

Globalmente, o fenómeno previsível de expansão da diáspora nos próximos anos tenderá a fazer com que a nova vaga venha a compensar parcialmente o menor envio de remessas por parte dos elementos das primeiras gerações da diáspora implantadas há mais tempo nos respetivos destinos de acolhimento.

2.3 Do vaivém físico às práticas transvirtuais

A forte pressão cultural que conduz a uma crescente mobilidade internacional de pessoas está inseparavelmente ligada aos outros fluxos da mundialização, capitais, mercadorias e informação, e, nesse sentido, as migrações representam na atualidade uma das forças motrizes das transformações sociais.

A grande revolução em curso no transporte aéreo mundial, e mais especificamente na Europa, tem permitido uma mobilidade intracontinental sem precedentes na história da emigração lusa. A facilidade e o custo reduzido com que se tem viajado de avião nos últimos anos permitiram aumentar consideravelmente a frequência das viagens entre os territórios da diáspora e Portugal (vaivém). O tráfego de passageiros por avião em Portugal aumentou 2,2% em 2012, em grande parte devido à progressiva evolução do número de passageiros das companhias de baixo custo nos três principais aeroportos portugueses do continente (Porto, Lisboa e Faro). No ano de 2011, as duas companhias aéreas *low-cost* mais importantes – Ryanair e Easyjet – registaram 14,4% e 13,2% dos movimentos de passageiros, sendo apenas superadas em termos de desempenho pela companhia nacional TAP (39,5%). As ligações de companhias de baixo custo com os principais destinos da diáspora na Europa são inúmeras (França, Alemanha, Suíça, Bélgica, Holanda, Reino Unido e Espanha) e os estudos empíricos permitem confirmar a maior frequência de vaivéns com Portugal. Em França, a distribuição dos aeroportos que têm ligações aéreas de baixo custo com Portugal permite que qualquer emigrante luso se encontre a menos de 150 km de um aeroporto que possibilite os vaivéns com Portugal⁷⁰. Um desses exemplos

de aumento da mobilidade foi observado num estudo na área de Lyon⁷¹ que conta com dois aeroportos (St. Étienne, a 75 km da cidade de Lyon, e o aeroporto principal de Lyon) com ligações aéreas de baixo custo na sua área de influência. Segundo dados da ANA, o número de passageiros (embarcados e desembarcados) nos aeroportos de Lisboa e do Porto com destino a Lyon aumentou consideravelmente entre 2008 e 2012 (51,1%)⁷². Este aumento também foi constatado pela companhia nacional TAP na ligação Lisboa – Lyon. O inquérito à comunidade lusa nesta região confirmou que cerca de 43,3% dos inquiridos afirmam viajar mais vezes do que antigamente para Portugal, destacando-se principalmente as pessoas radicadas há mais tempo, muitas vezes na idade da reforma (54,9%), que regularmente vivem em alternância entre os dois países, bem como a nova vaga de emigrantes que chegaram nos últimos anos e que mantêm relações muito próximas com os familiares e amigos que deixaram no país (cerca de 27% deste grupo viaja três e mais vezes por ano para Portugal). Um estudo realizado no Luxemburgo⁷³, país que beneficia da presença de aeroportos com ligações de baixo custo aos países vizinhos também aponta para o aumento dos vaivéns entre os dois países. Cerca de 48% dos inquiridos referiram que viajam mais vezes do que antigamente para Portugal, sendo que 49,6% da amostra viaja duas e mais vezes por ano.

Os estudos quer em Lyon, quer no Luxemburgo, demonstram também que os emigrantes diversificam os momentos de regresso ao país ao longo do ano, continuando a não prescindir de estadas mais longas como as tradicionais férias estivais ou das festas de fim de ano, mas também o fazem crescentemente por períodos mais curtos (apenas por alguns dias ou mesmo de fim de semana), maioritariamente por motivos pessoais (casamentos, batizados, aniversários) associados a visitas a familiares e amigos, ou ainda, simplesmente para assistir a um jogo de futebol (em Lyon, 7% dos inquiridos masculinos dizem fazê-lo, enquanto no Luxemburgo a percentagem é de 16%).

O fenómeno dos retornos mais regulares ao país de origem torna-se um modo de vida que subverte a existência das fronteiras e reforça um vaivém identitário partilhado entre dois países, duas culturas.

Por outro lado, o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação associado a custos também eles mais acessíveis, como nas comunicações eletrónicas, facilita a disseminação do conhecimento e da informação sobre os percursos migratórios; cria oportunidades de trabalho e ainda incrementa práticas transvirtuais que ligam o emigrante a Portugal. Podemos falar de práticas transnacionais virtuais, uma vez que as novas tecnologias de comunicação permitem ao imigrante regressar virtualmente e regularmente ao país de origem e, deste modo, manter o contacto com as origens, a família e os amigos, como nunca o foi possível.

O papel das novas tecnologias que gravitam essencialmente em torno da internet (blogs, páginas associativas, páginas institucionais de emprego, jornais comunitários, grupos nas redes sociais⁷⁴ como o *Facebook* ou o *Twitter*, *mailing lists* – listas de distribuição de *e-mails*), e dos programas de comunicação diversos proporcionam informações sobre a oferta em matéria do alojamento, oportunidades de emprego⁷⁵, atividades e empreendedorismo étnico e facilita mais do que nunca a comunicação em rede escrita e audiovisual entre os membros da diáspora no país de acolhimento, com o país de origem e com os outros elementos da diáspora à escala internacional, encurtando as distâncias e aproximando as pessoas.

71 DIOGO, 2012a (Inquérito à comunidade portuguesa de Lyon, novembro 2010-janeiro 2011).

72 O número de passageiros (embarcados e desembarcados) na rota Lisboa – Lyon aumentou 43,4% (de 112 296 para 160 981) e 70,5% a partir do Porto (de 44 685 para 76 182). De 2009 a 2012, a rota Porto – St. Étienne quase quintuplica em termos de passageiros (de 9367 para 52 256).

73 DIOGO, 2013b (Inquérito à comunidade portuguesa do Luxemburgo, janeiro de 2013).

74 A lista de grupos de redes sociais por comunidades (portugueses no Brasil, na Suíça, em Angola, no Luxemburgo, na Alemanha, em Londres, em Paris...) é extensa.

75 Existem também grupos específicos por áreas profissionais (assistentes sociais em Londres, assistentes sociais no Reino Unido, enfermeiros). Os grupos sociais também servem para esclarecer dúvidas sobre o sistema britânico de segurança social, as equivalências de diplomas universitários, as agências de recrutamento orientadas para as suas áreas profissionais e as entrevistas profissionais podem ser feitas por videoconferência (PEREIRA, 2013).

Considerações finais

A diversidade de problemas que afetou a sociedade portuguesa, principalmente os de natureza económica, faz com que os ciclos migratórios se repitam ao longo dos últimos séculos, levando a crónicas sangrias populacionais com impactos no seu desenvolvimento económico, bem como no seu envelhecimento demográfico contemporâneo. A emigração continua a ser vista como uma válvula de escape social nos ciclos de crise que o país atravessa, sendo mesmo encorajada pelos governantes lusos atuais que veem na mesma uma solução para atenuar os problemas de desemprego que afeta o país. Devido à importância crescente de saída de grupos altamente qualificados, o país e a sociedade prescindem de pessoal altamente qualificado que lhes poderá fazer falta nos próximos anos. A última década em Portugal confirma um novo ciclo de fluxos de saídas que engrossa as comunidades enraizadas em destinos tradicionais da diáspora da Europa Ocidental, mas também em destinos com afinidades históricas mas mais distantes do ponto de vista geográfico (América, África e Ásia). A recessão económica vivida no país nos últimos anos e o fraco crescimento económico dos anos vindouros manterá altos níveis de desemprego, reforçará os fluxos de saída que, por sua vez, continuarão a contribuir para a expansão da diáspora lusa. Trata-se de uma nova geração que também encara problemas de integração nos diversos países de acolhimento e é, inúmeras vezes, apoiada pelas redes comunitárias existentes. Tal como em ciclos anteriores de saídas, também existe uma propensão para o emigrante se movimentar sem qualquer ligação às redes comunitárias, como os aventureiros da era das grandes descobertas.

A emigração nem sempre é vivida como um caso de sucesso: nas gerações instaladas há mais tempo também subsiste a precariedade de alguns grupos que chegam à idade da reforma com rendimentos diminuídos. Os novos emigrantes lusos, à semelhança de congéneres de outras nacionalidades, também chegam a ser considerados como trabalhadores *low-cost*, explorados por redes de trabalhadores que se aproveitam das fragilidades dos emigrantes dos países em crise com base num *dumping* salarial.

O novo emigrante português caracteriza-se cada vez mais por ter uma formação universitária, apesar dos dados estatísticos e dos trabalhos empíricos continuarem a demonstrar que os mesmos ainda não constituem o principal grupo de saída. Investigadores, responsáveis governamentais e estudos salientam dicotomias existentes nos novos emigrantes com perfis socioculturais diferenciados com impactos ao nível do seu inter-relacionamento no seio da diáspora, bem como na sua integração nos países de acolhimento.

A diáspora enraizada nos países de acolhimento há mais tempo tem demonstrado um progresso notável ao nível da mobilidade socioprofissional dos lusodescendentes diretamente relacionado com a evolução do seu grau de instrução. O progresso socioeconómico alcançado pelas primeiras gerações e descendentes é particularmente observável nas paisagens da diáspora. As paisagens da diáspora demonstram o crescente acesso à habitação própria, como sucede na América do Norte ou ainda no Luxemburgo e em França, por vezes com influências arquitetónicas lusas fomentadas por práticas transnacionais de materiais para a habitação. Constata-se também, em alguns países, uma redistribuição dos espaços de residência para áreas periféricas suburbanas mais valorizadas e o sentimento da portugalidade é reforçado pela existência de uma rede multifacetada de atividades étnicas que salpicam as principais áreas de concentração da diáspora. O sentimento de portugalidade é também alimentado pelos contactos mantidos com o país de origem através de um conjunto de práticas transnacionais, entre as quais se destacam as de caráter financeiro, com diversificação das regiões de origem, que continuam a desempenhar um papel capital na economia lusa.

No contexto atual de mundialização, a mobilidade dos emigrantes assume uma pluralidade de esquemas de circulação e de comunicação. Surgem espaços de circulação migratória multipolar entre países mas também no país de fixação por motivos profissionais ou de lazer, desenvolvem-se migrações pendulares transfronteiriças de trabalho sustentadas por diferenças salariais e menores custos na habitação e intensificam-se os vaivéns físicos regulares e diversificados suportados por uma rede de ligações aéreas de baixo custo. As

comunicações suportadas pelas novas tecnologias permitem, mais do que nunca, uma pluralidade de contactos com as mais diversificadas finalidades.

A evolução dos transportes e das comunicações eletrónicas têm um impacto considerável na relação que o emigrante mantém com Portugal ao contribuir para um vaivém que pode reforçar o sentimento identitário bem como a dinâmica de diáspora em movimento.

Por último, surgem questões sobre o futuro desta diáspora em expansão que, apesar do seu peso demográfico e socioeconómico considerável, continua a ser um gigante com pés de barro, com insuficiente influência nos destinos do país e ainda subaproveitada nas relações bilaterais económicas com os países de acolhimento. Para as novas gerações de emigrantes e de lusodescendentes, uma mobilidade geográfica intensificada com Portugal e o recurso às novas tecnologias permitem comunicações sem precedentes na história da diáspora lusa. Uma ligação em rede entre os membros da diáspora a curto e médio prazo poderá, associada a uma maior coordenação, levar à aproximação e união dos mesmos e contribuir para um papel mais interventivo na sociedade portuguesa ao afirmar-se como uma dinâmica sociopolítica multifacetada e complementar.

Fontes e Bibliografia

- ALMEIDA, Aníbal, 2008 – *Os portugueses em França na hora da reforma*. Paris: Éditions Lusophone.
- ANA, Aeroportos de Portugal, 2013 – *Relatórios Anuais de Tráfego de 2008 a 2013*. Lisboa.
- APPADURAI, Arjun, 1996 – *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalisation*. Minnesota: The Public Worlds. Disponível em: <<http://books.google.pt/books?id=4LVeJT7gghMC&printsec=frontcover&dq=modernity+at+large+cultural+dimensions+of+globalization&hl=pt-PT&sa=X&ei=PMrLUuKt0JSg7Abe1YGgAw&ved=0CDQQ6AEwAA#v=onepage&q=modernity%20at%20large%20cultural%20dimensions%20of%20globalization&f=false>> [consult. 8 de fev. 2009].
- ARAÚJO, José E., 2013 – “A adaptação dos portugueses na Suíça varia bastante consoante a zona geográfica e linguística em que se encontram”. Observatório da Emigração. Disponível em: <<http://www.observatorioemigracao.secomunidades.pt/np4/3471.html>> [consult. 10 de mar. 2013].
- ARROTEIA, Jorge C., 2007 – “Migrações Internacionais: Portugal como Destino” in *Actas do Seminário Língua Portuguesa e Integração*. Disponível em: <http://www.museu-emigrantes.org/docs/diversos/2.%20Jorge%20Carvalho%20Arroteia_portugal%20como%20destino.pdf> [consult. 14 de out. 2013].
- Banco de Portugal, 2013 – *Estatísticas online – Remessas de emigrantes, Quadro Multidimensional de 2006 a 2012*. Lisboa.
- BARRE, Isabelle, 2012 – “Il est pas cher mon ouvrier”. *Le Canard Enchaîné*. Paris, n.º 4809, p. 4.
- BASCH, Linda; SHILLER, Nina G; BLANC, Christina S., 1994 – *Nations unbound: transnational projects, postcolonial predicaments, and deterritorialized nation-states*. Disponível em: <<http://books.google.pt/books?id=sBJTOHdpauQC&printsec=frontcover&dq=Nations+unbound:+transnational+projects,+postcolonial+predicaments,+and+deterritorialized+nation-states&hl=pt-PT&sa=X&ei=dsvLUoGaE4bW7Qb2nIHAg&ved=0CDMQ6AEwAA#v=onepage&q=Nations%20unbound%3A%20transnational%20projects%2C%20postcolonial%20predicaments%2C%20and%20deterritorialized%20nation-states&f=false>> [consult. 25 de fev. 2010].
- BASTOS, Joana, 2013 – “Quase 700 engenheiros emigraram só este ano”. *Expresso*. Disponível em: <<http://expresso.sapo.pt/quase-700-engenheiros-emigraram-so-este-ano=f833993>> [consult. 25 de out. 2013].
- BRANCO, Jorge, P., 2013 – “Onde estão os Portugueses de França?”. *Lusojornal*. N.º 110. Disponível em: <http://www.lusojornal.com/archives/unefr_Il_110.pdf> [consult. 10 de jan. 2013].
- BRUNEAU, Michel, 2004 – *Diasporas et espaces transnationaux*. Paris: Anthropos.
- BRUNET, Roger; FERRAS, Robert; THERY, Hervé, 1995 – *Les Mots de la Géographie: dictionnaire critique*. Paris: La Documentation Française.
- BRUNET, Roger, 2001 – *Le Déchiffrement du Monde: Théorie et Pratique de la Géographie*. Paris: Belin.
- CARVALHO, Débora, 2013 – “Arquitetos estão a emigrar mais”. *Correio da Manhã*. Disponível em: <<http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/nacional/sociedade/arquitetos-estao-a-emigrar-mais>> [consult. 17 de out. 2013].
- CASTLES, Stephen, 2005 – *Globalização, transnacionalismo e novos fluxos migratórios: dos trabalhadores convidados às migrações globais*. Lisboa: Fim de Século.
- CENTLIVRES, Pierre, 2000 – “Portée et limites de la notion de diaspora”. *Cemoti*. N.º 30. Disponível em: <<http://cemoti.revues.org/document638.html>> [consult. 14 de dez. 2010].
- DIOGO, Helder, 2012a – Multiculturalismo: identidade e territorialidade na comunidade portuguesa de Lyon (França). Porto (dissertação)

tação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto).

DIOGO, Helder, 2012b – “Portugueses de França – contributo da mobilidade geográfica e das práticas transnacionais para a afirmação identitária” in *Atas do XIII Colóquio Ibérico de Geografia – Respuestas de la Geografía Ibérica a la crisis actual*. Santiago de Compostela: Meuboock, p. 1226-1236.

DIOGO, Helder, 2013a – “Imigração portuguesa em França (1999-2012): que mudanças?” in *Atas CEGOT 1st international meeting – Geography & Politics, Policies and Planning*. Porto: FLUP-CEGOT, p. 721-734.

DIOGO, Helder, 2013b – “Influências lusas na habitação dos imigrantes portugueses no Luxemburgo e em França” in *Atas do Colóquio Internacional de Arquitetura Popular*, Arcos de Valdevez (no prelo).

DGACCP; Observatório da Emigração, 2013 – *Registos Consulares*. Disponível em: <<http://www.observatorioemigracao.secomunidades.pt/np4/home.html>> [consult. 17 de out. 2013].

DGACCP, 2011 – *Levantamento das associações portuguesas no mundo*. Lisboa.

DUFOIX, Stéphane, 2003 – *Les diasporas*. Paris: P.U.F.

EUROSTAT, 2013 – *Statistiques – Emigration par sexe, groupe d'âge et nationalité de 2002 à 2011*. Bruxelas.

FARIA, Natália, 2013 – “Jovens portugueses qualificados emigram para poder ‘ser adultos’”. *Público*. Disponível em: <<http://www.publico.pt/portugal/jornal/jovens-portugueses-qualificados-emigram-para-poder-ser-adultos-27210526>> [consult. 10 de out. 2013].

FIBBI, Rosita; BOLZMAN, Claudio; FERNANDEZ, Antonio *et al* 2010 – *Les Portugais en Suisse*. Berna : Office Fédéral des Migrations. Disponível em: <<http://www.bfm.admin.ch/content/dam/data/migration/publikationen/diasporastudie-portugal-f.pdf>> [consult. 12 de mar. 2011].

GEORGE, Pierre, 1984 – *Géopolitique des minorités*. Paris: PUF.

GODINHO, Vitorino M., 1978 – “L’émigration portugaise (XVe-XXe siècles). Une constante structurale et les réponses aux changements du monde”. *Revista de História Económica e Social*. Lisboa: Sá da Costa Editora, n.º 1, p. 5-32.

GOMES, Kathleen, 2013 – “Portugueses em Moçambique ‘apreensivos’, mas “África é assim”. *Público*. Disponível em: <<http://www.publico.pt/mundo/noticia/portugueses-em-mocambique-apreensivos-mas-africa-e-assim-1610027#0>> [consult. 25 de out. 2013].

HEINZ, Andreas; PELTIER, François; THILL, Germaine, 2013 – “Les Portugais au Luxembourg”. *Recensement de la population 2011*. N.º 18. Disponível em: <http://www.statistiques.public.lu/fr/publications/series/rp2011/2013/18-13-portugais/ind_ex.html> [consult. 2 de jul. 2013].

HELLY, Denise; VAN SCHENDEL, Nicolas, 2001 – *Appartenir: État, nation et société civile. Enquête à Montréal*. Disponível em: <<http://www.erudit.org/livre/hellyd/2001/index.htm>> [consult. 12 de out. 2009].

INE, 2007 – *Emigrantes (Série 1992-2003) por sexo e tipo de emigração*. Lisboa.

INE, 2013 – *Dados estatísticos, base de dados de emigrantes permanentes de 2008 a 2012*. Lisboa.

INE, 2013 – *Dados estatísticos, base de dados de emigrantes temporários de 2011 a 2012*. Lisboa.

INSEE, 2006 – *Le fait géographique transfrontalier*. Disponível em: <http://www.espaces-transfrontaliers.org/uploads/tx_tmswmo-tressources/map/1_flux_de_travailleurs.pdf> [consult. 12 de out. 2013].

INSEE, 2012 – *Immigrés et descendants d'immigrés en France*. Paris: INSEE.

JONES-CORREA, Michael, 1998 – *Between Two Nations: The Political Predicament of Latinos in New York City*. Disponível em: <http://books.google.pt/books?id=zwzc_56_NbAC&printsec=frontcover&dq=Between+Two+Nations:+The+Political+Predicament+of+Latinos+in+New+York+City&hl=pt-PT&sa=X&ei=ys_LUoW3De6p7Ab14HwAQ&ved=0CDYQ6AEwAA#v=onepage&q=Between%20Two%20Nations%3A%20The%20Political%20Predicament%20of%20Latinos%20in%20New%20York%20City&f=false> [consult. 10 de mai. 2010].

KEARNEY, Michael, 1995 – “The Local and the Global: The Anthropology of Globalization and Transnationalism”. *Annual Review of Anthropology*. N.º 24, p. 547-565. Disponível em: <http://www.uam-antropologia.info/texto_kenney.pdf> [consult. 2 de jun. 2009].

LAVIGNE, Gilles, 1995 – “L’ethnisation de l’établissement humain en Amérique du Nord: l’exemple du quartier portugais à Montréal”. *Cahiers de géographie du Québec*. Vol. 39, n.º 108, p. 417-443. Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/cgq/1995/v39/n108/022518ar.pdf>> [consult. 23 de mar. 2010].

LEITE, Joaquim Costa, 2003 – “Mitos e realidades da emigração portuguesa, 1851-1973” in *Actas das V Jornadas de História Local*. Disponível em: <<http://www.museuemigrantes.org/docs/conhecimento/JOQUIM%20COSTA%20LEITE.pdf>> [consult. 20 de out. 2013].

LOPES, João T., 2013 – “Estudo de João Teixeira Lopes sobre a jovem emigração qualificada para França foi apresentado no Consulado Geral de Portugal em Paris”. *Lusojornal*. N.º 151. Disponível em: <http://www.lusojournal.com/archives/uneffr_IL_151.pdf> [consult. 27 de nov. 2013].

LUBIN, Marie A., 2013 – “Des saisonniers accusent des vigneron de l’Aude de les avoir exploités”. *La revue du vin de France*. Disponível em: <<http://www.larvf.com/vins-corbieres-saisonniers-portugais-vendanges-la-revue-du-vin-de-france,200118,4360857.asp>> [consult. 16 de out. 2013].

- Lusa/Sol, 2013 – “Há portugueses a receber salários de 350 euros no Luxemburgo”. Disponível em: <http://sol.sapo.pt/inicio/Sociedade/Interior.aspx?content_id=7116> [consult. 20 de out. 2013].
- Lusojornal, 2013 – “Novos emigrantes não se integram nas comunidades de emigrantes mais antigos”, *Lusojornal*. N.º 148. Disponível em: <http://www.lusojornal.com/france_edition.htm> [consult. 7 de nov. 2013].
- MARQUES, José C.; GÓIS, Pedro, 2008 – “Pratiques transnationales des Capverdiens au Portugal et des Portugais en Suisse”. *Revue Européenne des Migrations Internationales*. Vol. 24, n.º 2, p. 147-165 Disponível em: <<http://remi.revues.org/4592>> [consult. 10 de nov. 2010].
- MOREIRA, Humberto, 2006 – “Emigração Portuguesa (Estatísticas retrospectivas e reflexões temáticas)”. *Revista de Estudos Demográficos*. N.º 38, p. 47-65. Disponível em: <http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=378823&PUBLICACOESmodo=2> [consult. 10 de out. 2013].
- MURDIE, Robert A.; TEIXEIRA, Carlos, 2003 – “Towards a Comfortable Neighbourhood and Appropriate Housing: Immigrant Experiences”. *CERIS Working Paper*, 10. Disponível em: <http://ceris.metropolis.net/Virtual%20Library/housing_neighbourhoods/murdie/murdie13.jpg> [consult. 9 de nov. 2013].
- NUNES, Fernando, 2008 – “Trouver le juste milieu dans le dialogue sur la diversité au Canada, le cas de la communauté luso-canadienne”. *Diversité Canadienne*. Vol. 6, n.º 2, p. 135 à 140. Disponível em: <http://canada.metropolis.net/publications/Diversity/can_diversity_vol_6_2_spring08_e.pdf> [consult. 10 de nov. 2013].
- Observatoire des Inégalités, 2013 – “Les seuils de pauvreté en France”. Disponível em: <http://www.inegalites.fr/spip.php?article343&id_groupe=9&id_mot=76&id_rubrique=1> [consult. 20 de nov. 2013].
- Observatorio Permanente de la Inmigración, 2010 – *Anuario Estadístico de Inmigración del año 2008*. Disponível em: <<http://extranjeros.empleo.gov.es/ObservatorioPermanenteInmigracion/Anuarios/Anuario2008.html>> [consult. 12 nov. 2013].
- Observatório da Emigração, 2013 – *Remessas recebidas em Portugal e remessas enviadas de Portugal de 2006 a 2012*. Lisboa.
- OCDE, 2013 – *Perspectives des migrations internationales 2013*. Éditions OCDE. Disponível em: <http://dx.doi.org/DOI:10.1787/migr_outlook-2013-fr> [consult. 2 de out. 2013].
- PEREIRA, Cláudia, 2013 – “Imigrantes qualificados portugueses em Londres conseguem exercer a sua profissão e ganhar mais dinheiro, mas também passam a ter mais gastos” in Observatório da Emigração. Disponível em: <<http://www.observatorioemigracao.secomunidades.pt/np4/3668.html>> [consult. 4 de out. 2013].
- PINHO, Filipa; PIRES, Rui P., 2013 – *Espanha, Emigração Portuguesa por País*, 1. Lisboa: Observatório da Emigração, CIES-IUL e DGACCP.
- PIRES, Rui P. (coord.), 2010 – *Portugal: Atlas das migrações internacionais*. Lisboa: Tinta da China Edições.
- PORTES, Alejandro, 1999 – “Conclusion: Towards a New World – The Origins and Effects of Transnational Activities”. *Ethnic and Racial Studies*. Londres: Routledge, n.º 22, p. 463-477.
- PORTES, Alejandro, 1997 – “Globalization From Below: The Rise of Transnational Communities. WPTC-98-01 Princeton University. Disponível em: <http://maxweber.hunter.cuny.edu/pub/eres/SOC217_PIMENDEL/portes.pdf> [consult. 10 de mar. 2010].
- Público*, 2013 – “Enfermeiros portugueses em segundo lugar na lista dos que chegam ao Reino Unido”. Disponível em: <<http://p3.publico.pt/actualidade/sociedade/7453/enfermeiros-portugueses-em-segundo-lugar-na-lista-dos-que-chegam-ao-reino>> [consult. 14 de set. 2013].
- RIBEIRO, Daniel, 2013 – “A gaiola doutorada”. *Revista Expresso*. Disponível em: <http://www.observatorioemigracao.secomunidades.pt/np4/?newsId=3771&fileName=GaiolaDoutorada_1.pdf> [consult. 15 de nov. 2013].
- Renascença, 2013 – “Portugal perdeu 350 milhões de euros com emigração de enfermeiros”. Disponível em <http://rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?fid=31&did=114925> [consult. 10 de nov. 2013].
- RMC info, 2012 – “La France compterait 300 000 travailleurs étrangers low cost”. Disponível em: <<http://rmc.bfmtv.com/info/328530/la-france-compterait-300-000-travailleurs-etrangers-low-cost/>> [consult. 16 de nov. 2013].
- RODRIGUES, Teresa F., 2008 – “As vicissitudes do povoamento nos séculos XVI e XVII” in RODRIGUES, Teresa F. (org.) – *História da População Portuguesa – Economia e Sociedade*. Porto: Edições Afrontamento/CEPESE, p. 159-246.
- RTP, 2009 – “Crise na construção espanhola afeta portugueses”. Disponível em: <RTP, <http://videos.sapo.pt/ftJ5I4RnvMeEs48RD-7Qq>> [consult. 14 de out. 2013].
- Santa Casa da Misericórdia de Paris, 2010 – *Organizar a solidariedade no seio da comunidade portuguesa – Situação social dos portugueses em França*. Paris.
- SANTOS, Irène dos, 2013 – “L’émigration au Portugal, avatar d’un pays ‘semi-périphérique’, métropole postcoloniale”. *Hommes et migrations*. N.º 1302, p. 157-161. Disponível em: <<http://hommesmigrations.revues.org/2510>> [consult. 14 de out. 2013].
- SCHEFFER, Gabriel, 1993 – “Ethnic Diasporas: a threat to their hosts?” in Weiner M. – *International migration and security*. Boulder: Westview Press, p. 263-285.
- SCHILLER, Nina G.; BASCH, Linda; BLANC, Christina S., 1995 – “From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration”. *Anthropological Quarterly*. N.º 68, p. 48-63. Disponível em: <http://www.sscnet.ucla.edu/history/faculty/henryyu/Hist597/Schiller_et_al.pdf> [consult. 25 de fev. 2010].